

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS
ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersburg
Ano: 1885
Ano: 12 francos
Setembro: 12 francos
Avulso: 10 francos
No resto da França: 10 francos por trimestre e 20 francos por an-

2^o Anno. — Volume II. — Número 18.
PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1885
Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. da Consolação
Ano: 1885
Setembro: 6 francos
Ano: 12 francos
Avulso: 10 francos



A VELHICE DO PADRE ETERNO

Na agora de mão em mão, por Portugal e Brasil, causando as delícias dos Herejes, o desespero dos Catholicos, a raiva dos Padres e a admiração da Literatura, — o novo poema de Guerra Junqueiro. Os jornais fallam até com espanto da rapidez com que a edição se esgota. O facto não me

surpreende. O autor é um grande artista que o público comprehende e admira. Lá-o constitue um prazer; e se em vez d'uma edição se não esgotar vinte d'um seu livro, não devemos queixar-nos do público. Não é o público que não compra — são os nossos editores que ainda sabem vender, como vendem os editores franceses.

Porque o autor me faz a honra de ser meu amigo de letras, a *Velhice* veio já há muitos dias para cima da minha mesa. E hoje posso dar sobre o livro a minha opinião, depois d'uma leitura attenta, demorada, quasi sempre encorada de admirações e de risos. E que este bello poeta dispôs do alexandrino e das rimas d'ouro como se fosse um rico nababo oriental; tem no seu alcance imprevistas notícias d'um lyrismo delicadíssimo, coloridas como certas estrofes de Musset e de Gautier, e alegres como certos trechos de Bizet e de Desilles; e a sua satyra vibra francamente no ar, como certas risadas de Voltaire e de Proudhon.

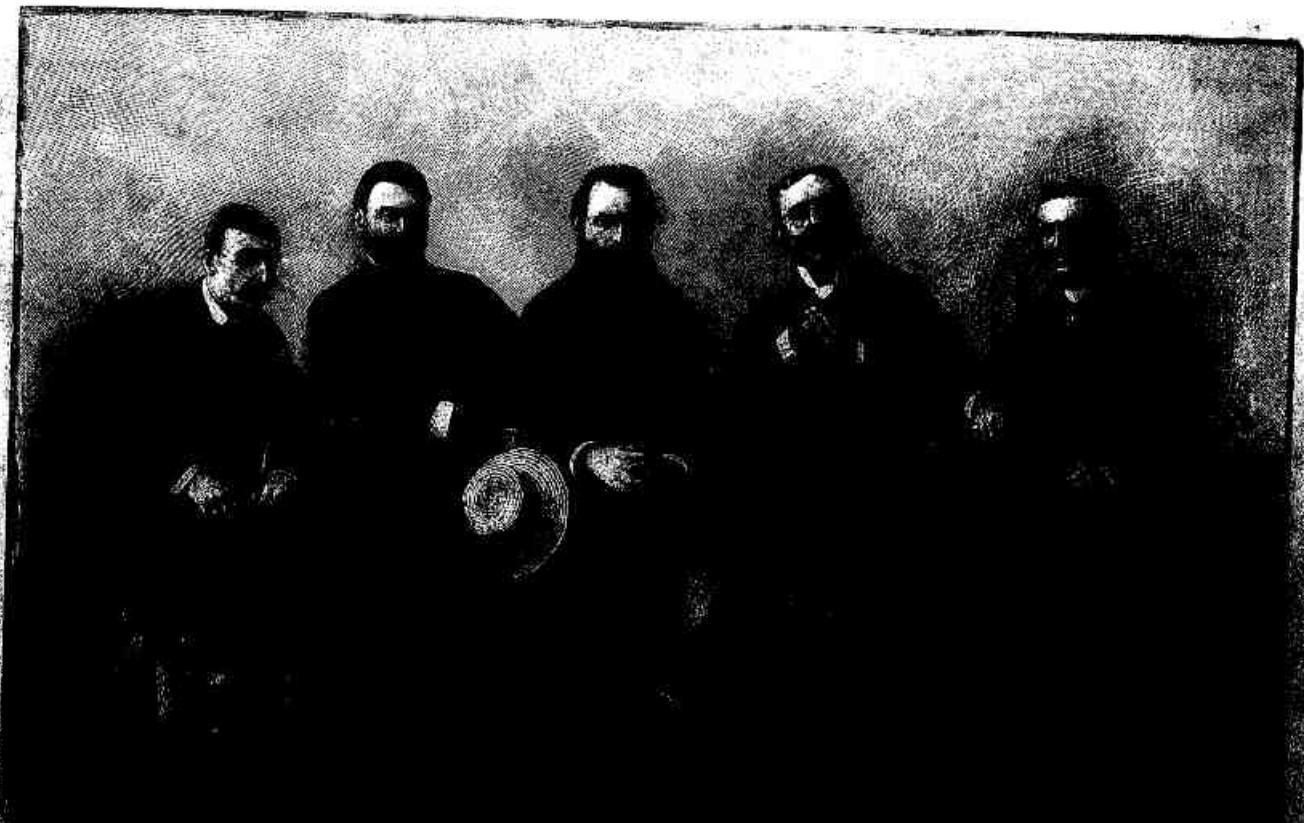
Vou pois dizer francamente o que penso acer-

ca d'este poema que é ao mesmo tempo um pamphlet; acerca d'este livro que é precioso como obra d'arte, mas que é irregular e fraco como obra de phiosophia. E o que se segue vou dize-lo com tanta mais sinceridade e escrevelo com tanta mais firmeza, quanto estou certo que Junqueiro ficaria mal comigo se eu lhe fosse chamar o que lhe chama agora toda a gente — o primeiro poeta da Península e o igual de Hugo e de Juvenal... No meu paiz ainda se não perdeu a mania das alcunhas... Aqui está o motivo porque diante de cada nova obra d'arte que surge, a Crítica geralmente só sabe cahir de joelhos, e queimar incenso. Ora o primeiro dever da Crítica — é ver se efectivamente ha um Deus para incensar!

O POETA

Na *Velhice do Padre Eterno* surge-nos a espaço o mesmo artista, o mesmo Guerra Junqueiro que ensinou a ler á sua Musa nos livros de Hugo, de Musset, de Baudelaire, de Gautier

UM GRUPO CELEBRE



LCA DE QUEIROZ. — OLIVEIRA MARTINS. — ANTHERO DO QUENTAL. — RAMALHO ORTIGAO. — GUERRA JUNQUEIRO

os perdeu, ha muito, e hoje a lagrima tornou-se inolvidável...

O FIM DO POEMA

O fim a que se propõe a *Véhicle do Padre Eterno* é desacreditar no espírito público a Egreja e os padres. E por isso que todo este poema é formado de prouas onde muitas vezes, não a bona e espontânea satyrax, mas a heresia d'aqueles a que impropreamente se chamam «livres pensadores», é metida à força para atraer o pântano, e fazer empalidecer todo o leitor em cujo espírito ainda habita uma vaga poesia cristã, feita de clemência, de resignação e de fé. O livro fez-me lembrar as *blasphemias* de Richépin, quando o poeta para escandalizar todos os sentimentos humanos, diz que uma creança não passa de:

Um apêndice anexo da Véhicle

e que as lagrimas, mesmo as lagrimas de mãe, não são mais do que:

Flamejantes e sangrentas

Ora quando a possa quererem o sucesso por meio destas preocupações, perde o inteiramente, porque lhe falta a qualidade primordial para o sucesso — a espontaneidade. Nenhum de nós precisa recorrer aos poemas para saber o que é um spermatozoide, ou a composição química da lagrima. O que nós desejamos, é que os poetas nos fallem dos maravilhosos rythmos e afinidades de sentimento puro que resultam de todas estas combinações dos *phenomenos materiais*; é que ellos nos fallem da grande alma que existe em todo a Natureza, e do seu vastíssimo ideal, para nos fazer esquecer este imminente chumbo sobre que assentam todos os *phenomenos* da vida.

Entre a *Véhicle do Padre Eterno* e as *blasphemias* de Richépin, há affinidades de ponto de vista que é necessário não desprezar. A *blasphémie* é irmã gêmea da heresia, e os dois livros são de sofrer do mesmo vício de chico, quando querem estudar apenas o valor intrínseco da obra d'arte.

Richépin quiz ser um ateu, atacando todos os preconceitos e todos sentimentos bons do seu tempo. Junqueiro n'um país essencialmente católico, mas católico à boca mansa, procura tambem borrar todas as almas. Para quê? Para destruir uma religião? Mas Junqueiro também tem a sua; também tem o seu Deus, o Deus dos heróis que é afinal o mesmo Deus do Egreja; apenas com algumas diferenças de scenario; e que era já o Deus ou o ideal de Voltaire, desse Voltaire com quem Junqueiro é imensamente injusto quando lhe chama — *antequimatum, semi-deus-garvoso*, e quando diz:

Tu de fado de fuz e galo de fuzipas.
Foto de heróis da guerra de primitiva luta.

Sim, senhor. Mas se não fosse o *antequimatum, o semi-deus-garvoso* que preparamos, nós estariamos ainda hoje sob o jugo d'uma Egreja absorvente, nós não teríamos lido nem Proudhon, nem Victor Hugo, nem o próprio Richépin, e o meu caro Junqueiro não escreveria hoje tão livremente o livro inflamado que tenho diante de mim.

Voltaire é que deu coragem, a coragem da ideia, a todo o século xix. Livros de Proudhon, lamentos de Victor Hugo, blasphemias de Richépin, heresias de Junqueiro — nada d'isso teria existido se o autor de *Bruixas* não escrevesse os seus trabalhos de *philosophia generalis*, de *Moral* e de *Religião*, se elle não tivesse escrito o *Exame importante* e as *Questões de Zapata*.

Mesmo o que Victor Hugo disse comum a Kerejá e contra os Papas, mesmo alguns das heresias que protestam e que iam de encontro ao seu visível desmoro tão profundamente poético e tão profundamente humano — não provam nem arrojo, nem coragem. Ameijo, e consegui teve-nos Voltaire, n'um século todo cheio de preconceitos, quando Roma era ainda a Roma orgulhosa, triunfante e temida, quando cada Papa era uma espécie de von Dismarck, da mettachildade: ilanlo na Igreja o golpe mortal, arriscando a cadeia, arriscando o exílio, mas fazendo do Padre esse cadáver que mais tarde Gianholti e Victor Manuel enteraram juntos na cova do Vaticano. Quando Victor Hugo mostrou coragem, foi sómente nas lachas que sustentou contra o desdono do segundo império, vendendo-se obrigado a fugir para Jersey, escrevendo lá a *l'heure verba*, essa soberba poesia que termina por esta maravilhosa *quintal* dos exilados, que todo a França saiu de cón :

Si l'on n'a pas pu écrire à l'heure verba, Si l'heure verba n'a pas pu écrire à l'heure verba, Si l'heure verba n'a pas pu écrire à l'heure verba, Et c'est dans la prison je suis déclaré.

Aqui, é que todo a sua coragem se revelou, foi aqui que elle mostrou que estava pronto ao sacrifício e à morte pela sua idéia, continuando implacavelmente a cravar o painel vingador sobre o coração desse Império pernício!

Mas que pode alfrontrar *Guerra Junqueiro* com o seu poema? Qual seria o governo bastante corajoso para o meter na cadeia, para lhe fazer um processo, por atacar assim a religião do Estado? Nenhum! Se o próprio representante de Roma se lembrasse de pedir uma satisfação ao ministro dos Estrangeiros pela carta *Ao Naufrágio Masolí*, o Naufrágio corria o risco de ser corruado e assolhado. O espírito círcular já não tem a influência sobre o público que o poeta parece crer reconhecer-lhe. Repare o poeta no que se passa nas nossas egrejas. Para que a multitudine entre, é necessário que lá dentro o espetáculo seja realmente famoso — que a igreja seja teatro, e mais nada!

O seu pamphlet é uma deliciosa blague escrita em momentos de bom humor, à hora do café e do charrete. Idéias sugeridas por entre a paixão viva dos amigos, poesias que não podem ser filhos d'uma nobre indignação — porque nem Roma dominou, nem a Naufrágio, nem o sr. Padre Senna Freitas nos impôs a sua vontade. E que affronta Junqueiro? A ira dos padres? A indignação do sr. Cardenal Patriarca?... E a história dos lagartos. Iá perdem todos os dentes nas abus d'um chapuz. E o paiz, em vez de se indignar, ha de ler com prazer aquelles versos — e até o ministro e Sena Madruga Fidelíssimo há de saborear com gula algumas das famosas heresias!... Em vez de indignação, os aplausos; em vez d'um processo, da cadeia, ou do exílio, talvez as felicitações do próprio monarca que em muita conta tem a literatura da nossa terra.

Combatam hoje a Egreja e o Papado, é tempo perdidio. São cadáveres que nem mesmo um milagre de Deus os faria ressuscitar! E por isso que o fim principal da *Véhicle do Padre Eterno* é perfeitamente inútil. Para destruir a superstição que ainda reste no espírito popular, basta-nos a eloquência das linhas ferreas, cortando os campos, e das linhas telegraphicas, cortando os ares. A proporção que a Arte, a Literatura e a Ciencia vão entrando no espírito do povo, vai de lá saíndo pouco a pouco o vazio da fécio religiosa. Atacar um Deus ou Deuses é admitir a sua existência, o que é um erro, porque faz surgir a dúvida. O poeta terá razão, ou não terá razão?... E o próprio poeta também creu num Deus? Para quê?... Mais vale crer na força do homem e nas forças da Natureza. E mais preferível, quanto a mim, o ideal optimista da grandeza do Homem pelo

seu trabalho e pela sua inteligência, do que o ideal optimista *l'heure verba*, que

que o poeta irá pôr impôr, e em que é de confusão que nem mesmo necessidade alguma de pensar o que passamos perfeitamente sem elle.

Se se desejá uppimir um culto, um culto que conta deuses, deuses, Tito, e necessário que os senhores reformadores pensem em substituir o por outro. Tudo socialista e como a poesia, e como todo a Arte, que não pode viver sem um ideal.

Ao poltrão camponez que vai humildemente assistir ao santo sacrifício da misericórdia, se lhe perguntarem porque ali vai porque pode assim assim hora do domingo que elle poderá diligenciar interro ao repouso do corpo — não saberá explicar a razão. Não é o costume, nem a tradição que o impellam; e a sua alma, a sua alma que o obriga a entrar com mais respeito e com mais submissão na igreja, do que na sala d'um tribunel. E o bom filósofio poderá então ver que todo aquela gente que se ajoelha diante do altar sem saber bem por que: é porque tem o instinto dos cultos humanos — o culto do amor da patria symbolizado no amor de Jesus pelo seu povo. E todo o cristão, desde o mais ignorante até ao mais civilizado, sente e admira que o sangue de todos os sacrificios, o que o sacerdote ergue no calix, para o Deus desconhecidor! Ora o gênero humano, cujo ideal é formado de Amor e de Caridade e de Justiça, só tem encontrado a glorificação desse ideal, apesar de todos as artimanhas de Roma, sei, as cupulas sonoras das catedrâves...

E o culto que hoje nos convém, aquillo para que é necessário encaminhar o povo, é para a adoração da Patria e da Intelligenza livre. Mas então vamos calhar no Pantheísmo. E porque não?... A apoteose de Victor Hugo veio provar a Europa que a França está em vésperas de preferir o culto de *Joumá d'Art*, ao de qualquer santo da Gôrre do céu. E o centenário de *Camerón*? Não será uma expressão brilhante do pantheísmo moderno, ligado à grande religião da Patria?... Mas então voltamos aos tempos antigos? Não! Voltamos à Verdade, que de tempos a tempos tem andado sufocada pelas páginas de história.

E deixemos em paz os Padres, e os Papas. A sciencia deu cabo d'elles; e quando a Instrução tiver chegado ao seu auge, e quando todos os poetas eminentes, como o nosso querido e illustre Junqueiro, se reunirem para entour o hymno da Humanidade redimida pelo Scienzia e pela Arte, então havemos de assistir uma nova Reforma — não a uma nova Renascença — e os povos hão de ser felizes mais cedo do que nós podemos imaginar.

E deixemos, grande e satyrico poeta, em paz o Papa. Porque hoje o Papa — o illustre autor da *Véhicle do Padre Eterno* — não passa d'um intimo empregado do Céu, pedindo protecção a lutheranos, Allemânia, e quando a protestante Inglaterra.

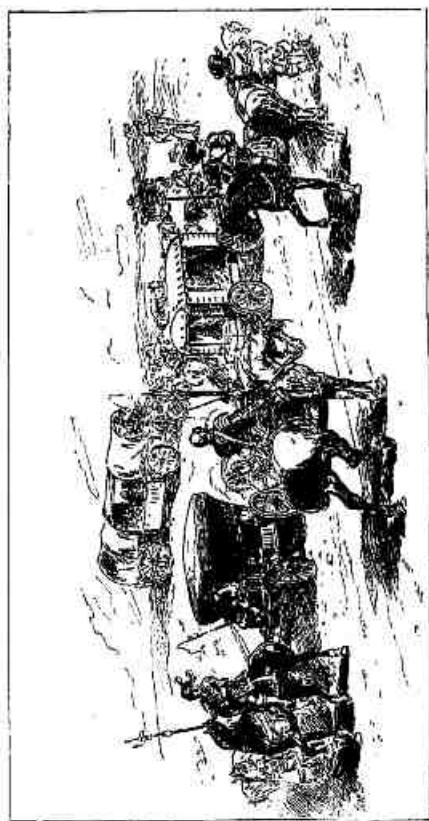
O Papado, afinal de contas, acaba por tiros inspirar piedade!...

Manoel Pina.

P. S. — Na minha proxima *Chronique* me ocuparei de outro livro que recitá depois da *Véhicle do Padre Eterno*, e que n'esse momento adquiriu realissimo sucesso em Portugal. Alliás ao volume I *Moliéndia*, de Ramulho Orégão.

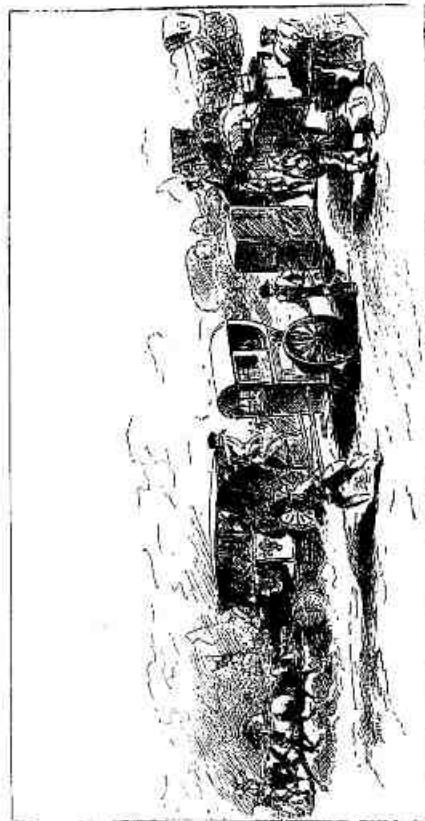
M. P.

A Ilustração publicará no proximo numero um bello ponto do seu brilhante colaborador Fialho d'Almeida. Título: *Nuvens no Bosque*.



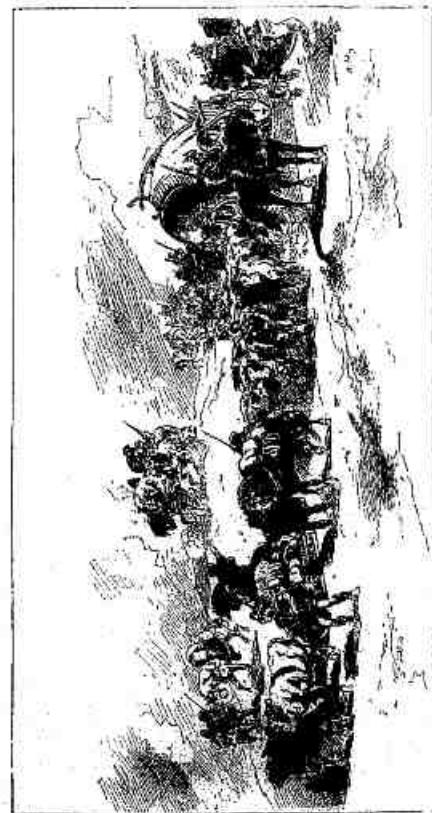
Septimo período. — Reino dos archiduques Alberto e Isabel. — Século XVII

Carro à Rubens encolhido por cavaleiros. — Carros à moda d'Anvers



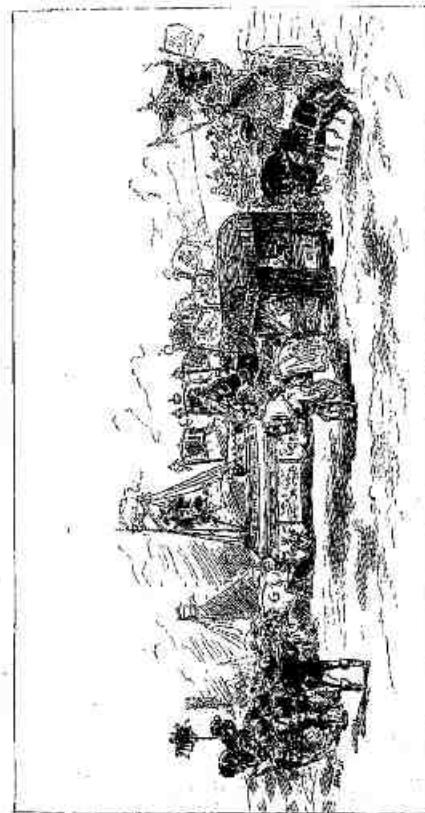
Oitavo período. — Época da dominação austriaca. — Século XVIII

Carro de viagem escolhido por dragoon de Latour. — Litreia. — Croupé de viagem



Primo período. — Tempos primitivos

Trenós. — Cavalos de condução. — Carro de bois com escotilha

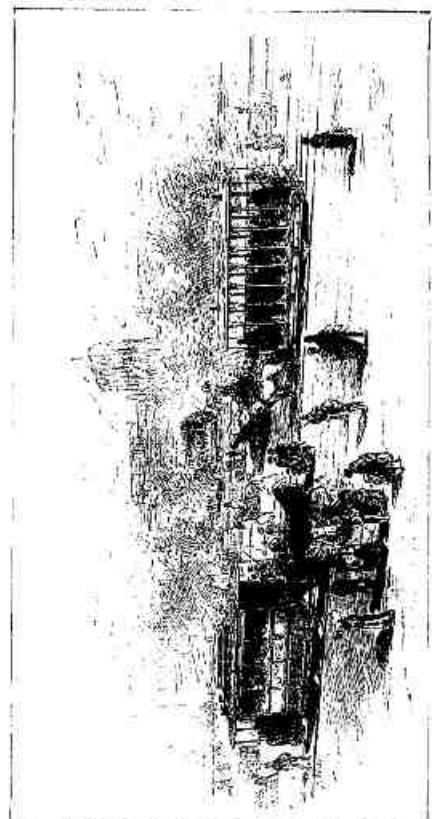


Sexto período. — Época do domínio hispanhol. — Século XVI

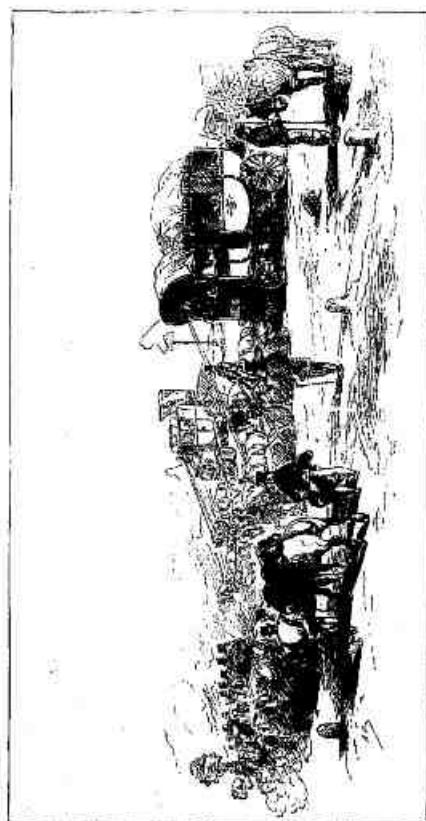
Mulhas de infantas. — Barco farcido o serviço do canal entre Bruges e Gand. — Litreia.

Carro de música dos negociantes.

BRUXELAS. — O QUINQUAGÉSSIMO ANIVERSÁRIO DOS CAMINHOS DE FERRO BELGAS. — O CORTEJO HISTÓRICO DOS MEIOS DE TRANSPORTE



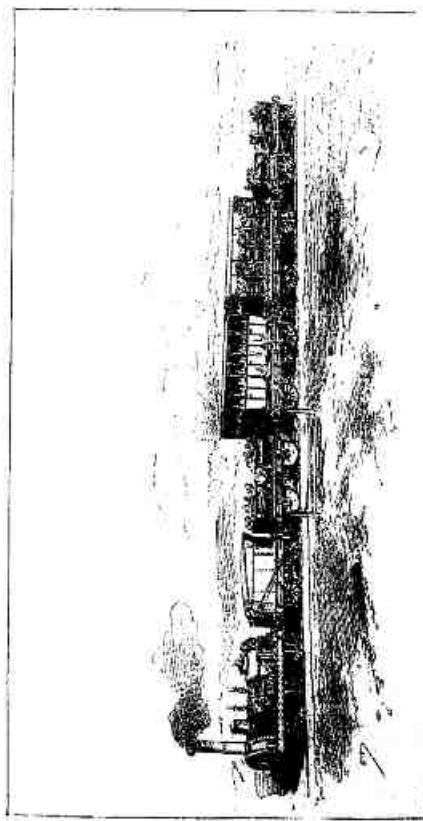
Segundo período. — Reino da Bélgica
Fim da ferrovia — Coque e malta posta. — Diligência (1850-1855)



Segundo período. — Reino da Bélgica
Fim da ferrovia — Coque e malta posta. — Diligência (1850-1855)



Decimo período. — Reino da Bélgica
Tramways de Bruxelas



Decimo período. — Reino da Bélgica
Combayo de 1855

BRUXELAS. — O QUINQUAGESSIMO ANIVERSARIO DOS CAMINHOS DE FERRO BELGAS. — O CORTEJO HISTÓRICO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

DEPOIS D'UM DOMINGO EM CLIFTON

(Extraído do original de *John Tenorio Bull*)

Never a temota, a estuorecida, a queh assazada leue
branca da sua píada, da sua folha, de sua poente,
de sua suada e atentada amarela murcheta, mardeu mais
fundo no in hóp e nos fundos o seu fundo. E os de
espaldos mantinham! S'Fallen-me Marchigas d'esse
domingo e dia de Sant'Pédro, em hora das Santas mais res-
pidas, e na ult' ecclá (Com S. José e S. Christovão, e duzir-
gou mais lacrimosa e mais triste. Bem a Penitencia das Dóres
e a Senhora da Cognição, a pequena e greja amaristada
das noites penitenciais, triste, branca e ridante nas noqueiras
dos velhos, como uma Cognição amaralha a empregar na terra os
tre matices da gló! S'Fallen-me tu, irma Marchiga - ja que
is tu destra das brancas, fias e alauentas d'essa destra
vinda Inglaterra me podes falar d'esse país em língua que
Nelto Schiller dos Afflictos nos deu em desconto de tanto, tanto,
cois que me recuaram, língua que nem a gente a merece,
e que em quanto as avas de Spencer, de Shakespeare e de Eliot
nos dão a pensar pedindo a Júpiter o arreio. Que que
fazem de nos, de cada um mais triste, de etrusca e amarela e
aloicando - de no, tipo das gelos do Mediterrâneo, fôrda eira
para nos. Que a literatura de Roma e China e persia das
terras, Setentaria de sol, perfumada a aurora e afor se
lentaria, doce e serena, e suave e picante, amedida em
muito d'água e de hóp, d'arroz e de cebola, e de molho
de rega e de risco rústico de cítricos e folhas de abacaxi?
Fallen-me tu, Carnudos amig, no atinhar desto o tempo de
autura da hincapide e das suas dobras da Penitencia da noite
d'esse; no rebentamento estrondo dos mestres as fundas do sol; no
arco de morta na metade da estrela; no deserto de estrelas,
e de poeira; mas que dizer que amar de amar os lugares d'esse
me lindo das grandezas. Com as Canas, hortaliças, chouriça
e farofa, fallen-me no pedra píada que chega de longe em pampa,
que brilha feita a lata empresta, trazendo os alferos da aguia
e o embalo de lata e de lata, o Calderão com o sangue do
Santo em dia longo prima o seu cheiro prenunciado. Fallen-me

no trânsito grande e no trânsito que não se hunde. Para o alto, e no peito fresco que permanece a Chiare em alento nas brenhas. Cai de lona entre a terra do Pão e a terra das alfaces, como a pipa ao fundo nos furos do Corvo, ao pé das hortas que remoem ^{defloram} o lado um do outro, enquanto os clarinetes longam a chula e o chutes da Via Sacra e os foguetes escara que chama o arul do espaço ressentindo na Ceu seu estela e seu leviânto de fumo!

Manuel Almeida

UM TRECHO DA "HISTORIA ROMANA".

Velava-se n'essas alturas, Era raro o ar, ^{plano e limpo} e as plateas dos montes aboissinos em ^{aprimoradas} nevezas do outono regavam. D'ali contemplava Amíbal o panorama da Itália desenrolhado a seus pés — o Po', o Appennino, depois, para além, Roma! o juramento que fizera a seu paiz, o seu ódio eterno, a sua grande ambicão de ^o império e gloria! As aquias envolhavam em torno do acampamento e o Doria descia rápido como uma cascata...

Olivier Martin

DOM SEBASTIÃO EM ALCOBACA

(A. S. JOAQUIM DE ALBUQUERQUE)

No veludo mosteiro entrava a comitiva
Do cavaleiro-rey. As plumas alçantes
Ondulavam de maneira à aragonjiglita.

Deslumbrava o primor das armas scintillantes,
Das rendados braguês, das espumas de prata,
De longos espadões e rutilos diamantes.

Primorosas gibbos de náida escraveta,
Recordriam o corpo dos nobres cavaleiros,
Em cujo vasto manto a força se retrata.

Cercado com amir, dos valentes guerreiros
El-Rey ciminha audaz, ereto e magestoso,
E saudá a sorrir os imágens praiateiros.

O templo do mosteiro era então silencioso.
Do sol a intensa luz entrava subtilmente,
E a fronte iluminava a um Christo primoroso.

Porém el-Rey entrava e logo mansamente,
Uma doce harmonia, extrana e suspirante
No orgão soluçou, tristíssima e plangeante.

Tintán elle curvou-se, e a corte respeitosa,
Por terra se postou n'uma altitude santa,
Para os céus dirigindo a prece fervorosa.

D'el-Rey a um gesto rude a corte se levanta,
E, segundo-o submissa, atenta e dedicada,
Pelo templo immortal heroica se adianta.

Junto parou el-Rey da campa venerada
De Pedro, o justiciero, e logo, de repente,
Arragante soltou enorme gargalhada.

E ao morto Rey lançou, conspulso e tremente,
Vivas imprecações. Num louco desatino,
Ultraja e vitupera e zomba cruelmente.

Entretanto na cerca o canídio argentina,
Palpitante d'amor, das aves namoradas,
Juntava-se ao rumor do arroyn crystallino.

Mal terminara el-Rey as faltas irritadas,
Que ao morto dirigira, implacável e fero,
O silêncio reisou ao longo das arcadas.

De subito, porém, um velho monge austero,
Dirigindo-se ao Rey, severo e magestoso,
Esta fala soltou, n'um tom duro e severo:

— « Príncipe, reis cruel! é feito vergonhoso,
Dizer palavras tais a cintas veneradas
D'um justiciero Rey, amante e glori... »

Parleis bem, Senhor! em seguir-lhe as pisadas,
Imitar-lhe o saber de austero governante,
Querido ás multidões por elle governadas.

Mas sendo respeitais a perda lancinante,
Que ao morto tritram o nobre coração,
Ao menos venerai o leigo possante.

Que tanta e tanta vez lhe fulgiram na mão! »

Porto 1885.

ALFREDO ALVES.



O PASTOR. — Quadro de J. M. — Gravura de Langéval

10 Francs. — 1873. — No. 11. — 1873. — 10 Francs. — 1873. — 10 Francs.

L'INTRASIGEANT

Redaction: HENRI ROCHEFORT

PREMIER MEETING DE PROTESTATION

EDITION METZ



JORNAL E JORNALISTAS. — O « INTRASIGENTE », REDATOR EM CHEFE HENRI ROCHEFORT



O DRAMA. — COMPOSIÇÃO DE G. CLAIRIN

AS NOSSAS GRAVURAS

UM GRUPO CELEBRE

ANHO passado, pelo verão, almoçaram juntos no palácio de Crystal do Porto : Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero do Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Um d'elles, à sobremesa, exclamou :

— E se fosses tirar o retrato?...

A proposta foi recebida com aplausos e pouco tempo depois sentavam-se diante da máquina fotográfica, diante d'um photographe que nem de leve desconfiava quem eram aquelles cinco figurões — cinco celebridades das que mais honra fazem a Portugal, e que fariam também honra a outro país como a França ou a Inglaterra se ali vivessem nascido.

Porque já não ha duvidas sobre este ponto : que são homens superiores, que são espíritos acima e muito acima da vulgaridade intelligente, os que produziram o *Crime do Padre Amaro*, o *Portugal contemporâneo*, as *Odes Modernas*, as *Farpas* e a *Missa em Férias*. São esses cinco, os que os senhores ali veem sentados.

Difficilmente se encontra um grupo que seja tão sympathico a Portugal e ao Brasil. Trabalharam todos para o mesmo fim; cada um d'aquellelos homens fez a sua revolução, libertando os espíritos dos prejuízos e das rotinas de 1830; e a cerca de cada um d'elles já se não levantam discussões; e se alguém se atreva a discutir-lhes o talento, o arrojo é acolhido a gargalhada pelo público dos dois países onde se fala a nossa língua.

Todos são unanimes em aplaudil-los — porque são prosaadores e poetas de primeira grandeza.

O grupo é raro. Foi um dos retratados, o nosso querido amigo e illustre colaborador Eça de Queiroz, quem oito confiou. Foi a *Ilustração* mandou o gravar por um outro seu colaborador illustre, por Ch. Baude, o eminentissimo artista que no nosso JORNAL tem assignado tanto obra-prima. O gravador tratou estas cinco cabeças com rara habilidade. Todas elles conservaram religiosamente as exactas expressões, e em cada uma d'aquellelos physionomias parece que se está lendo a alma de cada um d'aquellelos artistas. É uma pagina que estaremos certos vai ser olhada com grande curiosidade pelo nosso público, tanto mais que n'este momento, dois dos retratados atraoram para o mercado como dois primorosos livres : *A Velha do Padre Eterno* e *A Hollandia*, os dois famosos livros de Guerra Junqueiro e de Ramalho Ortigão, que ora andam em todas as livrarias. E d'aqui a pouco também estuará a venda *O Matozinho*, o novo romance de Eça de Queiroz.

A nossa gravura portanto não podia ter maior actualidade.

Quando estas cinco celebridades se encontraram no Porto, Ramalho Ortigão escreveu acerca d'este rendeiro-vos os descriptores um precioso artigo, uma página deliciosa como todas quantas saem da pena do illustre autor de *A Hollandia*. E donde nós arrancamos pa seguintes interessantes periodos :

O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado comigo, com uma malata e com uma resmou de papel, a procurar paixão resina um sítio limpo de massalores, de moscas e de cozinheiros afastecidos, para ali acabar de escrever *A rediaria*, romance destinado ao folhetim da *Gazeta de Notícias*, chega-me hoje da Granja, onde por espião de dous dias applicou os phenomenos sozinho e monocólio da analyse; mas nada pude arrancar do seu peito disfarçado acerca da invigre de castas, que surdamente me dizem agitar a psychologia e banhos nessa praia.

Ac sentarmo-nos à mesa para almoçar juntos no restaurante do palácio de Crystal com Antero de Quental,

Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, soubemos apenas que no clube da Granja o nosso amigo perdera na vespera a aposta de um leque n'uma partida de bilhar com uma das banhistas. Umas das condições da aposta, era que o leque seria escrito pelos amigos com que Eça de Queiroz iria de vir alegre no Porto.

A nobreza fizemo-nos, pois, servir um diafrão e uma panga da cozinha, e entre a panga e queijo, o leque, de setim cér de ouro, ornado de umas aquedas representando uns grappos de cincos ches, ficou escrito do seguinte modo :

Por cima dos ches, este dístico : — Os autores.

Do lado oposto, a rubrica e o texto que passo a transcrever :

OS LATIDOS

Quem muito ladra, pouco apreende. — Antero do Quental.

II

Escrever que ladraço morde. — Oliveira Martins.

III

Dentista de critico curte-se com pelo do mesmo critico. — Ramalho Ortigão.

IV

Cão lirico ladra à luc, cão philosoph aboca o melhor ossos. — Eça de Queiroz.

V

Cão de lettras — Cachorro! — Guerra Junqueiro.

ENVOI

São cinco ches, sentinelas
De bronze e papel almarro,
De bronze para as canellas,
De papel para o regalo.

(Assinado) A matilha.

Também por essa occasião Antero do Quental escreveu n'um album os versos que em seguida transcrevemos. Os versos de Antero são tão rares e tão preciosos que julgamos do nosso dever publicar estes terços que até hoje só apareceram na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, sendo portanto ineditos para Portugal :

A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dois quartos:
N'olhos moram sem se ver,
Num a Dôr, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto,
Acordia cheio de ardor,
No seu adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautela,
Feliz e ri mais devagar,
Não vais a Dôr acordar! »

Não nos foi possível, como tínhamos desejado, arranjarmos ultima hora as notícias precisas para fazermos uma larga biographia com dous, de cada um dos nossos illustres retratados. Mas vamos indicar a traços largos a vida de cada um d'elles :

EÇA DE QUEIROZ

Bacharel em direito. É um « senhor doutor » como se costuma dizer. Foi jornalista político em Evora, homem de artigo de fundo romanesco. É um viajante apaixonado, que tem corrido a América do Norte, o Egito, onde assistiu à inauguração do canal de Suez, que conhece a sua Inglaterra e a sua França como o seu Portugal. Foi consul de Portugal em Havana, depois em New-Castle, agora em Bristol. Foi o primeiro consul que fez com que se viesse avulso o *Diário do Governo*. Mas não foi aqui que elle teve

os seus primeiros sucessos. Foi na *Gazeta de Portugal*, de Telheira de Vasconcellos; depois, e os mais brilhantes, com Ramalho Ortigão nas *Farpas*; depois com o famoso romance *Misterio da Estrada da Cintia*, publicado no *Diário de Notícias*, em colaboração com Ramalho. Por ultimo, escreveu duas grandes obras — *Crime do Padre Amaro* e *Primo Brásil*. Não é academico, o que não impõe que os seus livres se façam tingens de iómeo exemplares. Agora redigiu os últimos provas dos *Mais*, novo romance em dois volumes.

OLIVEIRA MARTINS

É um engenheiro, é um finanziário e é um historiador como n'inde não havia em Portugal, à maneira de Taine. Os seus livros de historia, principalmente o *Portugal contemporâneo*, fizeram escândalo porque não eram escritos em estilo academic. É um artista e um crítico apurado o personagem e pintando-o e discutindo-o com a mesma serenidade e a mesma independência d'um romancista fazendo a autópsia d'um tipo. Oliveira Martins escreve historia, como hoje se escreve o romance e o drama. Possui um estilo e uma critica que lembram por vezes Proudhon amenuizado por Taine e por Luiz Blanc. Na serena imparcialidade dos seus livros quizeram ver uns, um Miguelista, outros, um socialista. Oliveira Martins é apenas um independente. E deu provas disso quando lu paucos, considerando como um dever ocupar-se mais directamente dos destinos do seu país, não hesitou e uniu-se a um grupo político, e a fundar um excelente jornal a *Frontaria*, no Porto, terra da sua residência. E ali, dia a dia, continua a sua obra de critica e de revolução, para ver se pode cooperar e precipitar um certo renascimento da nacionalidade portuguesa, de que já se sentem os primeiros primitos na literatura, na arte, na ciencia e nas industrias. Ocula que a sua campanha produza os resultados que nós todos esperamos com anciade.

ANTHERO DO QUENTAL

O extraordínario poeta das *Odes modernas*, um dos mais poderosos cardeiros de Portugal. Foi elle que deu batulha, com Theóphilo Braga, à escola de Castilho, a escola lisboeta antagonista da escola coimbrã. E quando todos esperavam d'este grande de espírito os mais extraordinários poemas e os mais soberbos livros philosophicos, a doença veio aniquilá-lo, o poeta fez-se um anacoreta, e só de tempos a tempos algum amigo lhe ouve recitar uns esplendidos poemas, ou lhe obtém um maravilhoso soneto, como estes colligidos em volume pelo nosso brilhante colaborador Joaquim d'Areujo. Antero do Quental é natural dos Açores, d'estas ilhas que nos nossos tempos, além de Antero, mandaram para o continente Theóphilo Braga e Manuel d'Arriaga.

RAMALHO ORTIGÃO

Vêmel-o primeiro folhetinista do *Jornal do Porto*, autor dos *Contos cívicos*, depois autor d'um livro de dandy sobre Paris. Mais tarde dali o braço a Eça de Queiroz e escreveram ambos as *Farpas* e o *Crime da Estrada da Cintia*. Depois fui só com as *Farpas* quando Eça foi nomeado consul para o extrangeiro; viajei em 1878 a Paris, e escrevi uma soberba serie de *Notas de viagem* sobre a exposição e sobre a capitul francesa. É um dos mais importantes, mesmo e mais importante organisação do centenário de Camões. E na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, ha muitos annos que publica as suas famosas *Cartas portuguesas* que lhe tem valido uma extraordinaria reputação em todo o império. Ha dias publicou o seu novo volume *A Hollandia*. É um livro que n'uma biblioteca tem um lugar marcado entre os livros de Taine pela seriedade critica e maravilhos d'estilo, e entre as chronicas de Rochester e as notas de viagem do Karr e de Mory pela graca, vivacidade, ligereza, humorismo e brilho como conta os episódios comicos que encontrou na sua passagem. Com Eça de Queiroz e Junqueiro, Ramalho forma a grande triundade literaria que

maior influencia tem exercido n'estes ultimos quinze annos em Portugal e Brazil.

GUERRA JUNQUEIRO.

É o famoso companheiro de João Penha e de Gonçalves Crespo, o ultimo d'esta bella bohemia literaria de Coimbra, hoje fatalemente morta. Foi em Coimbra que a sua ruidosa mocidade se passou; e foi em Coimbra que elle teve o famoso duello poetico com João Penha, tão brillantemente descripto n'um artigo de Gonçalves Crespo publicado na *Renascença do Porto*, este bella jornal de Joaquim d'Arreia que viveu o que vivem as rosas...

Tambem foi em Coimbra que elle começou a trabalhar n'esta *Morte de D. João*, que d'uma vez etrou com elle para a celebriidade. E publicou que foi este seu primeiro poema. Junqueiro ficou sendo considerado como o primeiro poeta portuguez. Occupando o lugar do primeiro, já tinhamos João de Deus e Antero do Quental. Junqueiro não veio de modo algum desfachado — o que veio, foi ser o primeiro dos poetas portuguezes sabendo renover as entranhas do publico, sendo ao mesmo tempo o regalo dos mais exigentes paladares artisticos.

Tambem em França ha primeiros que se chamam Lecomte de Lisle, Théodore de Banville, Gautier, Nerval, Baudelaire, Musset, uns vivos outros mortos — e em todo o caso Victor Hugo não deixava tambem de ser um primeiro, mas um primeiro que era aplaudido desde o fundo d'um atelier de ferreiros de Belleville, ate nos banhos da Academia francesa. Junqueiro pertence aos primeiros d'esta categoria.

Depois da *Morte de D. João*, apareceu a *Musa em Férias*. Depois a *Velhice do Padre Eterno*. Acorea d'este livro teria occasião de ler os nossos assignantes, n'outro lugar da ILUSTRACAO, a critica do nosso director.

DOIS AUTOGRAPHOS

 GIZERAMOS reunir n'este numero autographos dos citados escritores cujos retratos publicamos na nossa primeira pagina. Infelizmente faltou-nos o espaço, e vemos-nos obrigados a deixar para o proximo numero uma poesia de Junqueiro, uns poemas de Antero do Quental e um trecho de prosa de Eça de Queiroz. Hoje limitamo-nos a oferecer nos nossos leitores uma pagina inedita de Ramalho Ortigão, do seu livro *John Tenorio* Bull prestes a sahir, e um trecho do original de Oliveira Martins tirado da *História romana*.

Picam, pois, transferidos para o proximo numero os outros preciosos autographos que temos em nosso poder, entre elles um soneto *Evolução* de Antero do Quental, inteiramente inedito.

Como vêem os nossos leitores, a ILUSTRACAO só pensa em lhes oferecer todos os quinze dias verdadeiras novidades e verdadeiros primores.

O CINCOCENTENARIO DOS CAMINHOS DE FERRO

NA BELGICA

 Por occasião do cincocentenario da inauguração da sua primeira linha de caminhos de ferro para viajantes, que foi tambem a primeira inaugurada sobre a Europa, a Belgica organizou festos brilhantissimas.

O rei Leopoldo I. inaugurou a linha de Bruxellas a Malines, a 5 de maio de 1835; mas só tres meses depois é que se fez a celebração do cincocentenario, para que coincidisse com a da independencia belga.

O programma dos festos terminava por um grande cortejo historico dos meios de transporte desde os tempos mais remotos ate aos nossos dias. Esta parte do programma era a mais bela, a mais brillante, e foi a mais aplaudida. Esta pitoresca e artistica reconstituição do passado, formava um espetaculo unico, realizado polo brilho das cores, pela rica variedade dos numerosos carros, e brilho

dos costumes, em numero de oitocentos, levados por grupos d'homens, de mulheres e de crianças que davam a este imponente desfile um exuberante animação.

A ILUSTRACAO podre obter d'um album artistico publicado em Bruxellas pelo editor Ruzez, uma serie de encantadores desenhos de Armand Heins, que dão aos nossos leitores uma ideia exacta e fiel d'alguns trechos d'este cortejo magnifico e sem precedentes.

Tramós, carros, fileiras, empaes, mala-postas, diligencias, tremoys, wagons, toda a serie de veiculos conhecidos, esquecidos ou ainda em uso, são representados n'estas bonitas e delicadas illustrações, onde tambem se acha representado o bello carro triumphal da *apotheose* dos caminhos de ferro, dominado pela locomotiva moderna, que já deixou tanto para trás os meios de transporte que ainda foram o unico recurso de nossos pais.

Reproduzimos estes desenhos e oferecemos-nos aos nossos leitores por que são verdadeiramente bellos, e por que lhes mostram bem evidentemente mais uma vez o quanto um povo ganha com melhoramentos materiais. A Belgica ainda é um paiz roido por dissensões politicas. Mas aparte as guerras entre o partido liberal e o partido reaccionario, e aparte as pretensões belgas de Leopoldo II no Congo e em outras aventuras — o paiz belga não se esquece de que a sua prosperidade, a sua grandezza, não lhe vem de politica mas sim da industria.

Oxalá que em Portugal nos decidissemos a pensar do mesmo modo — que cada cidadão pensasse mais em ser um homem de trabalho do que um influente eleitor... E o paiz havia de sair brilhantemente do abatimento em que o pôz a Politica — esta senhora que em vez de morar em S. Bento, deviam morrer quanto antes no Aljube!...

O PASTOR

 ESTE delicioso quadro do brillante artista, é um dos que mais sucesso tem tido nos Salons de Paris, d'estes ultimos annos. Julien Dupré achou na sua paleta as mesmas tonalidades e o mesmo sentimento que constituem todo o encanto das obras-primas de Millet. *O Pastor* é uma tela de grande valia, que nos não hesitamos em apresentar aos nossos leitores como uma das obras mais sympathicas da já vasta galeria artistica da ILUSTRACAO.

JORNAES E JORNALISTAS

ROCHEFORT E O INTRANSIGENTE

 NOME de Rochefort da novo esteve na evidencia. A propósito da morte de Olivier Pain, o jornalista frances em viagem no Egypto, que, segundo todas as probabilidades, foi fusilado pelos ingleses que o julgavam um conselheiro do Mahdi — Rochefort, no seu journal o *Intransigeant*, sustentou uma vigorosa campanha contra Inglaterra. Apoiado em documentos importantissimos que lhe foram comunicados pelo sr. Selikowitch, um professor de linguas orientaes que o proprio estado-maior ingles tocou no seu serviço para lhe servir d'interprete no Sudão — Henri Rochefort, em artigos que ficaram celebres, atacou com uma violencia extraordinaria o ministro ingles em Paris, a rainha de Inglaterra e o príncipe de Gales. As agencias telegraphiccas encarregaram-se de transmitir aos jornaes diarios as noticias d'essa campanha, e escusado é ocuparmos largamente os nossos leitores d'um assumpto que elles devem já conhecer.

A impossibilidade em que se achou o governo frances de pedir explicações á Inglaterra sobre o facto inaudito do fusilamento d'um jornalista que andava apenas tomando apartamentos no Egypto para mandar correspondencias aos jornaes de Paris, principalmente ao *Figaro* — baseia-se no seguinte: O sr. Selikowitch, apesar de ser um homem de bem, um professor distinto altamente recommendedo

pelo sr. de Nieuw, e um particular amigo testemunha do por um absoluto credor d'ante os declaraciones do general Wobbel, que manda ter sido Paris fundada pel' seus soldados. Era nesse santo obter o restabelecimento d'uma autoridade civilizada soz d'um militar, para a França poder obtegamente pedir explicações.

Por tanto, é de crer que figura impunemente na crise. Desde o momento que os ingleses possem a prece d'abega do Olivier Pain, « os jornaes de premio a quem o troxeve morto em vida, e declararam depois os proprios ingleses, que elle era portador d'papeis importantissimos do Mahdi, como é que os ingleses saham que elle trazesse papeis — sem falar terem mentido uns annos nas algibeiras? E, desde o momento que se tinham em seu poder, tod' a sua vantagem era desfazerem-se d'ella, recorrendo regularmente nos jornaes de Paris.

Quanto a Henri Rochefort, apesar de muito querer a ver apenas através das barreiras e o sangue da Comuna, é um dos primeiros jornaes de Paris, um chronicista de primeira ordem como Wodell, Schell e Voguer, um humorista digno descendente de Rabelais, e tendo tanto espirito como Karr, o Karr de vinte annos.

No *Intransigeant*, Rochefort é um admiravel polemista, o famoso *Intransigeante* do deboche do segundo imperio, escrevendo dia a dia um artigo com uma gama e um vigor proprios dos vinte annos. E, no tal *Blitz* sob o pseudonym de *Grimasel*, Rochefort é o brillante chronicista, o espirituoso e estranho escrivtor sabendo articular a semana parisense as observações mais comicas e os mais deliciosos paradoxos.

Rochefort na chronica e na polemica politica é o nosso mestre. Foi o mestre de Ramalho Ortigão nas *Forças*, e aquelles que desejem conhecer o literato, o fino escrivtor moderno, recomendam-nos-lhe o seu ultimo livro *Les français de la decadence*, onde estão reunidas as chronicas que elle escreveu nos ultimos annos do reinado de Napoleão III.

A ILUSTRACAO publicado hoje o retrato de Rochefort e uma reducção photographica do seu journal, orgulha-se em prestar publicamente uma homenagem de respeito ao illustre chronicista e ao brillante pamphletario que tem sabido sempre conservar a sua pena intacta, sem mancha, e que tem sabido sempre sustentar com a ponta do seu honrado florete, as afirmações feitas nas columnas do seu journal.

O DRAMA E A MUSICA

 PONTO todo a parte, em Paris, em Lisboa, em Saint-Petersburg, os theatros abrem as suas portas de par em par, e o Drama e a Musica começam a atraer as salas d'espectaculo um mundo pitoresco e feliz, o mundo que se diverte.

Em Lisboa a epocha promette ser deveras brilhante. O drama surge-nos em *D. Maria* no dia 24 de setembro, segundo nos afirmam os jornaes, representado na *Arlesienne*, uma peça adoravel de Alphonse Daudet, traduzida para aquelle theatro pelo nosso director Mariano Pina. O drama de Daudet tem um precioso acompanhamento d'orchestra devido a Jorge Bizet, o brillante artista que escreveu esta obra-prima *Carmen*, que Lisboa aplaudio o ando passado com tanto entusiasmo. A musica d'*Arlesienne* não é inferior; é d'uma poesia extraordinaria, e oxalá que os executantes de *D. Maria* lhe possam imprimir o colorido que a partitura exige. Quanto à peça a que o nosso collega do *Diário de Notícias* de Lisboa chamou ha dias « um melodrama triste » temos a acrescentar que é simplesmente um drama, um drama de familia, sem situacões violentas, impregnado d'um grande sentimento e possuindo preciosos dotes de observação. É uma obra para colocar ao lado da *Evangelista* e da *Sapho* romances devidos à pena do mesmo autor.

Depois da *Arlesienne* que deve subir á scena em beneficio da actriz Virginia, *D. Maria* irá apresentando o *Othello* para beneçao de Brazio, e Severo Torelli de Coppée, e *Clara Soleil*.

Quanto ao assumpto Musica, o que sabemos por enquanto é que ainda nada está decidido querer

das representações du Pasti em Lisboa, e que só viu cantar a Paris quando o chofer tiver sahido de França.

E para solemnizar a abertura dos theatros, a Ilustração o melhor que podia oferecer aos seus leitores era a reprodução destes dois soberbos frescos de Clairin, o ilustre pintor francês, um mestre da nova geração, o mesmo que pintou os admiráveis frescos do *Eden de Paris*. O *Dramma* e a *Musica* foram pintados no theatro de Cherburgo, construído há pouco tempo, e que custou para cima d'um milhão de francos (180 contos). São duas soberbas composições — uma, retinente e sombria, envolta em clarões d'incêndio; outra, toda graca e ingenuidade sobre um delicioso azul do céo.

Lembramos nos nossos leitores o propósito de theatro, que a Ilustração acompanhará com gravuras os grandes sucessos parisienses da época de 85-86, e que na sua secção de musicas para piano publicará trechos das melhores operas e operetas que se cantam nos theatros de Paris.

OLIVIER PAIN

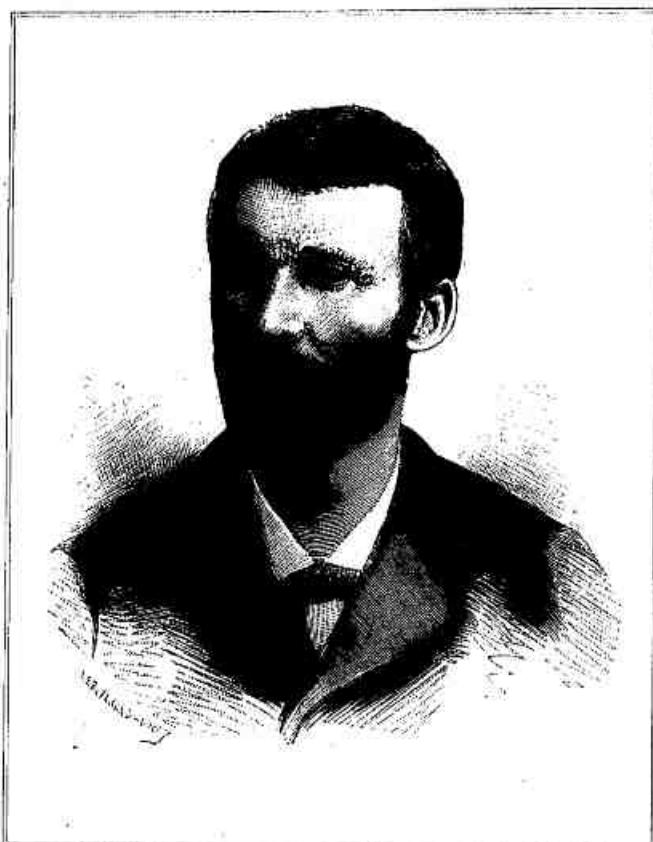
Ao fallarmos de Rochefort e do *Intemperante*, já nos ocupámos do triste fim do jornalista francês cujo retrato hoje damos. O seu desaparecimento subito causou grande indignação em França, e

poderia ter havido uma complicação diplomática com a Inglaterra se por acaso tivessem havido provas oficiais, para oppor às afirmações dos generais ingleses.

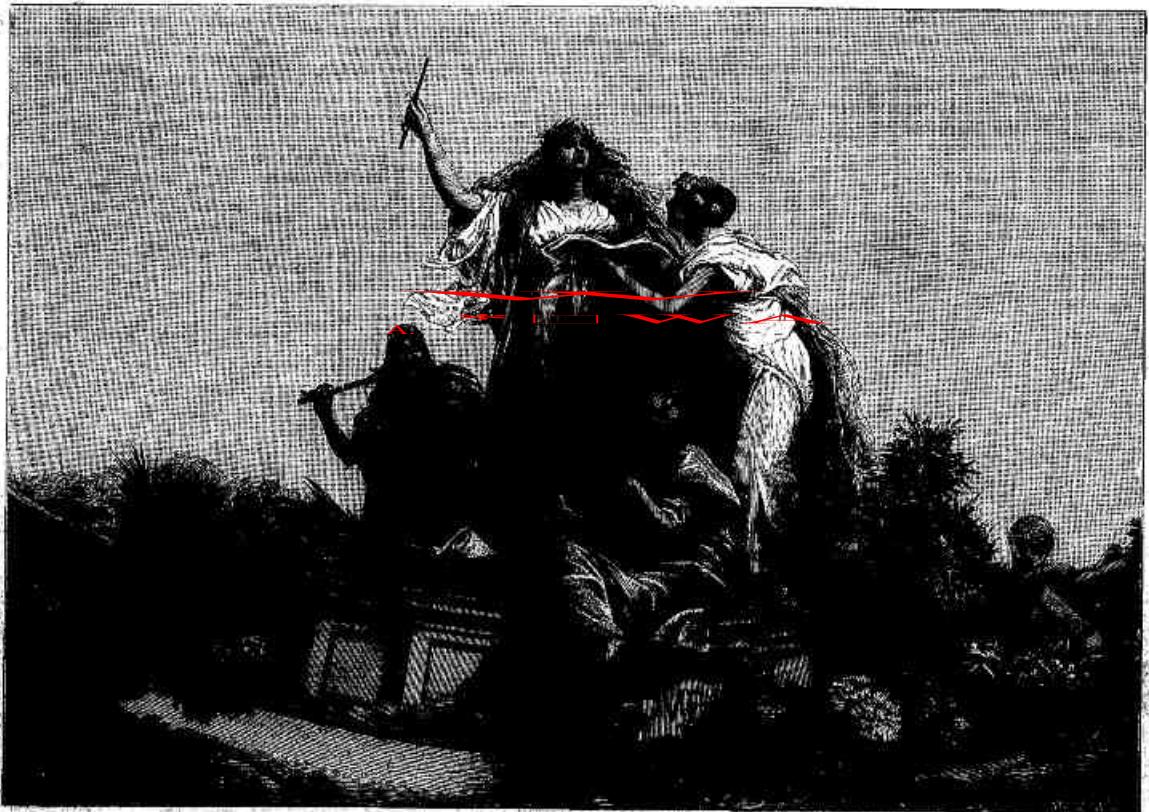
Olivier Pain andou ligado à história da Comunhão, sendo deportado com Rochefort para a Nova-Caledonia, donde se pôde evadir. Veio então habitar a Suissa, e quando se declarou a guerra entre a Russia e a Turquia, Pain foi para o campo, donde mandava correspondências para os jornais de Paris. Quando os russos vieram, o jornalista achava-se em Plewna, ao lado de Osman-Pachá. Foi feito prisioneiro, chegaram mesmo a haver certas provas de que ele tinha combatido os russos ao lado dos turcos — mas o czar Alexandre II fez-lhe mercê da cabeça, por ter combatecido do espírito arrojado e aventuroso do jornalista francês. Quando depois entrou em Constantinopla, partilhou das mesmas ovacões que se fizeram a Osman, seu amigo.

Em 1883, sempre em busca do desconhecido, ele o caminhou do alto Egito, através do deserto, para se aproximar do Mahdi. Disse-se mesmo na Europa que Pain era o seu conselheiro, e que a derrota dos ingleses no Soudan tinha resultado d'um plano do jornalista francês comunicado ao Mahdi.

Assim se fez uma lenda em volta do arrojado e distinto jornalista; e lenda foi ella, que os ingleses foram menos generosos que o czar — mandando-o fuzilar sem misericórdia. É que se



OLIVIER PAIN



A MUSICA — COMPOSICAO DE G. CLAIRIN



CONFLITO BISPAÑO-ALÉMÃO. — AS MANIFESTAÇÕES EM MADRID

conclui em Paris de todas as informações collidas entre particulares que chegam do Egypto.

O CONFLICTO HISPANO-ALLENHO

Os nossos leitores conhecem de sobejão todas as peripécias dessas imponentes manifestações que se fizeram em toda a Espanha, para que façamos aqui a história. A arrogância com que a Alemanha arvorou a sua bandeira na ilha de Yap, não podia de modo algum deixar de arrancar um enorme clamor a este generoso e entusiasmado povo, irmão do povo português, tão nobremente meticoloso em todas as suas questões de dignidade nacional. E a grande, a indistrutível vanguarda, é que apesar da grave e pesada Alemanha considerar o povo hispanhol como um D. Quijote, nem por isso D. Quijote deixou de adquirir as sympathias de todos os nações pela energia com que se opõe às pretensões do sr. de Bismarck — porque nesse transe difficulto em que elle põe em risco a própria vida, não dobrou nem um só instante a altitude do seu carácter, nem o arrojo da sua coragem. «A força oppõe o direito» dizem os aleronados. Mas quando a razão está do nosso lado, um homem fraco vale por cinco valentes. E por isso que todos os povos latinos applaudem a coragem de que os hispanhos deram prova, e oxalá que os portugueses saibam responder com a mesma energia a qualquer conflito internacional que d'esta grave questão ainda possa surgir.

Nós não podemos de modo algum informar os nossos leitores do que se passa dia a dia em Madrid e em Berlim — porque não somos um jornal diário. Mas o que a *Ilustração* vai ser em Portugal e Brasil é o único jornal para poder dar para gravura a representação de todas as scenes que possam ser vistas com interesse por todos quantos nos lêem. As ligações que temos com os jornais de Paris, de Londres e de Madrid permitem-nos, como a mais nenhum outro jornal, oferecer um conjunto de interessantíssimas gravuras, dado o caso que o conflito ainda tem proporções que n'este momento não podemos prever. Em todo o caso chamamos já hoje a atenção dos nossos leitores para o proximo numero da *Ilustração*.

A gravura do presente numero representa a primeira manifestação em que tomaram parte cerca de 200,000 mil pessoas, passeando pelas ruas de Madrid aos gritos de «Viva a Espanha!» «Viva a integridade da patria!» — no momento em que a multidão passando na calle d'Alcalá em frente do palácio da presidência, mandou arvorar na varanda a bandeira hispanola.

No proximo numero esperamos poder dar outras gravuras sobre o mesmo assunto.

AO MAR

Na conclusão colossal das vidas agitadas,
Nesse seu seio, o gigantescos mar!
Deixa que eu dispor o coração dos magnos
E vê no fundo o meu amor langar...

Porto, 1885.

Albúm do Pará.

A ARLESIANA

A *Ilustração* publicará no proximo numero quatro das principais scenes da ARLESIANA, o bello drama de Daudet que vai ser posto brevemente em cena no theatro de D. MARIA de Lisboa. Os quatro desenhos são devolvidos ao lápis do nosso coligador Adrián Marie.



A VELHICE

PADRE ETERNO

V. L. C. A. HKN 13 appareceu à venda o novo numero do nosso ilustre amigo Guerm Jusquinto, todos os jornais de Portugal fizeram extratos do livro, e em poucos dias quase toda a obra andou em realities pela imprensa. A Ilustração só que não pode concorrer em certas estimulidades com os Jornais diários — pôs simples e avaras elogios ressalta que é uma folha quinzenal! vivo em quasi na dificuldade de não poder oferecer nos seus leitores um trabalho que já não estivesse lido e relido. Mas passado a febre das transcrições, visões que algumas das pessoas que consideram os maiores notáveis do livro, fôrinhos escapulam à tábua dos nossos colegas, podendo a esse portanto entrar em actividade. E é por isso que em seguida publicaremos a mais bela passagem do Schismá Santa, quando Voltaire se despede de Jesus e o deixa só, no inferno de Londres. A sua fragorosa denúncia grande eloquio denuncia, segue a passo a Arvores do Mal, também uma das que mais há de contribuir para que o novo poema de Jusquinto viva por muito tempo. Igualmente fôrinhos literários do nosso mestre.

A SEMANA SANTA

(V. KAGMKENTO)

E Arimatéu partiu, soltando uma crivel riscada,
E Jesus ficou só na noite desolada,
N aquela colossal batibolhão impudente,
Entre quatro milhões de almas — quatro milhões
De tigres, de répteis, de abutres e de leões
Agachados na sombra ameaçadora !...

Quem a visse do alto essa Londres deserta
Com a fofocacezinha esmorecida, incerta
Da luta do gato a arder só um cão tumular,
Julgaria estar vendo um grande monstro escuro,
Como que um Leviatão partido num monte
Inumano a germinar.

Al noite eram sinistros. Os ventos a galope
Resfregavam como as jorjas d'um ciclope
Com rivas de alieno e rugidos de feras.
E o mar bramir ao longe atlético, espumante,
Qual marmita prostrada a ferver trovejante
Sobre com mil crateras.

E Christo foi andando errante, vagabundo
Através d'essa vasta imprensa do mundo,
Opulenta Gomorrah hidriápica de Vício,
Que Deus não enxorou talvez, como costume,
Porque, além de estar caro o enxofre, Deus em suma
Irá não pode arruinásses em fogos de antípcio.

E elle ia vendia os mil palhaços portentosos
Onde a besta fôs dominar, ebrula de gosos,
Um infernal sítio,
Em que quanto que a misericórdia amordaçava, esfaimada,
As trevas da madrugada
Disputava o jantar no enxerto aos céus sem dono,

As almas cativadoras, donde a burguesia
Vai arrastar um pouco a missa do meio dia,

Tinha como que o ar d'um theatro fechado
O aspecto macabro d'um armário colosso,
Em que Deus no balcão vende os dogmas por grosso
E o céu por atacado.

Os banhos, Princípiares do milhão, monumentos
De mármore e granito e bronze, sonolentos
Móbiles, cuja paixão obesa é um matadouro,
Na virtuosa praça de monstros em descanço
Digiram de manha
Nos seus ventres de ferro um fumalhão d'ouro,

Nos muros hospitais, onde enfim a desgraça
Têm a consolatória de aguçá-la de graça,
Santos, monstros, heróis, — Tragúm, Valegum, Fluminés
Andam no exterritó do trunfo derradeiro,
— Lheço que um bonito voo entregará a um coitado
Pra calcar uns pés.

E era aquella imunidade humana e humanidade?
Tinha valido bem a paixão na verdade
Pregado, n'uma cruz morrer como um ladrão,
Para os céus de dois mil annos vir achar
Pilotos sobre o trono e Caiçá, sobre o altar
Destruidor na fronte e baculo na mão?

Arrancouse de pratinha o olhar do Nazareno,
Aquelle olhar profundo, aquelle olhar sereno
Que out'orâzão aliviou a tantos corações,
E a linda virginália do seu peito suave
Turbou-se, apresentando o aspecto mudo e grave
Das noivas affligidas.

E marmoreo, espectral, com a fronte sombria
Banhado na suor sangrento da agonia
Foi deitar-se outra vez na leito tumular,
Atibolia que expirou tranquilo de mil dores
E quer dormir, dormir entre as herbas e as flores
Onde escorre piedosa e branca lhe do luar.

E quando a christianidade à volta do meio dia
Correu ao templo a ver o extremo da Alleluia,
Em lugar d'um Jesus banal de ciclorama
Subiu noiturnamente,
D'olhos aços n'um céu d'azul, n'uma ao vento,
Sobre nuvens de glória e de alçado em rama,

Viu-se na telha um Christo em platas, um visionário,
Trucento, fabril, colorido, incendiário,
Como que um saltador plugado das gaias,
Na beira uns blasfemias e no olhar um avulto,
Expulso da igreja os cristãos a chicote
E expulso do altar o pajar a pontejo !

A ARVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragrância
Das mirros, das rosas,
Viviam n'uma doce e n'uma eterna infância
Novos primoros passos.

Sem corpos jocais, mais alvos do que a lira,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Por Deus n'esse jardim com sua mão astuta
Ao lado das innocéncias
A Arvoredo Mal que produzia afurta
Venerosidade da sciencia.

E, alegre de conter venenosas homicidas
E o gemitos do pescado,
Era Deus quem comia à noite, às escondidas,
Esse fruto vedado.

Por isso Babilônia tinha sciencia infunda,
Tinha um poder secreto,
E Adão que não provou os frutos era a vida
Um ajuiz analfabeto.

Era colher um dia o bello fructo imenso,
O fructo da Ressuscitação.
Nesse instante sublima Era tinha o Futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonando a submissão covarde,
Viu o fructo e comeu.
Esse fructo é a Lixi que a Júpiter mais tarde
Roubou a Prométheu.

E ao ver igual a si a estatua que creara,
O homem reprova o uo,
Jehovah exclama: « Maldito seja a seara
Cuja semead é in 2 »

Vela depois a Igreja e repete aos crentes
De toda a humanidade:
« Maldito seja sempre o que enterra os dentes
Nas fructuas da credo! »

A Igreja permitiu esse vedado para
Sómente aos sacerdotes,
Da arvore do mal fugia o mundo, como
Os lobos dos aróteos.

Se o sabio que buscava o sevo nas velutinas
Ia como um ladrão
Roubar timidamente, a noite, as hocas mortas
Algum fructo do chão,

Tiravam-lhe da boche esse fructo d'auanho
D'um maeira suave;
Alando-lhe a gorgana uns cordeis de fios
Suspensa d'uma teve.

Um dia um visionario, alma vertiginosa,
Esprito immortal,
Foi dellar-se, que horro! à sombra sombra
Da Arvore do Mal.

A Igreja ao ver aquella intrevida heresia
Lançalhe excommunicantes;
Tumba por terra um fructo... e Nossa deus deixa
A li das atrações!

Sacudi, sacudi a devoção maldita
Que os astros nombram;
Lembra-se quando a abusiva igreja
Deus com a propria onda?

E quando o mundo juntava n'esse lamer escondido
Ate a vacuidade
O fructo que lhe estaria tão proibido,
O fructo da Verdade.

Homem, desce vâns a deboche: — « Tchato,
* Vae-te embora d'aquele!
* Construas de novo o paraíso humano,
* Fizemvelo nem tu,

« Expulsaste do Olympia a humanidade outa onda.
* O desporto ferio;
* Pois beu, a Olympia é mato, e debarah, aposta
* Expulsavas-te aix!

GUBERA JUSQUAIS.

HOTEL LUZO-BRASILEIRO
PARIS
30, Rue Montholon, 30

LA PIERRE

Tem a hora de participar ao publico
que tornou novamente a direcção d'este
estabelecimento muito frequentado em
Paris pela colonia portuguesa e brasiliense.

EXPOSITION UNIL 1878
Medaille d'Or
Cire de "Pérola"
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

OLEO de QUINA
E. COUDRAY

ESPECIALMENTE PREPARADO PARA A TOMADA DO CHOCO
Recomendamos este producto,
considerado pelos colonores portugueses
pela sua ação contra os quinos,
como mais poderoso remédio que se conhece.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTEINA

Recomendamos os colonores portugueses
QUOTAS CONCENTRADAS para o leigo.
AGUA DIVINA d'uma agua de saude.

ESTES ARTIGOS ADHESAM-SE NA FABRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Depositos em todos os Perfumerias, Farmacias
e Cabellierios da America.

NOVAS SORVETEIRAS TOSSELLI
Unico apparelho de familia
descendente dos inventos
da S. M. e da S. R. P. V. V.
EA. TOSSELLI, 1878.
Para que as fáceis e produtivas a
sorveteira empregue misturas infusivas.
Este apparelho d'os mais simplicidades tem equal, da ca mais sofisticadas
resultadas appa uma economia,
uma segurança e uma simplicidade
incomparável. — 180, Rue La Fayette.
J. BUSTIN 1^o, 5, boulevard de la Chapelle, PARIS

PAUL ROSSEL
69 et 71, Faubourg-St-Antoine, 69 et 71

PARIS



VISTA DAS OFFICINAS E ARMARÉS
MOBILIAS COMPLETAS, MOVEIS
Decorações e Tapetes

CALLIFLORE

Flor de Belliera

POSS ADHESORENTES & INVISIVEIS

Graves no novo modo porque se empregam cores
pôs comunissimas no resto uma maravilhosa e delicada
beleza e dão-lhe um perfume de exquississima
aromatica. O seu uso é de grande utilidade
no combate de certas infecções, he curativo de
quatro matas diferentes, Raizel e Rosa, desde o
mais pallido até ao mais colorido. Pode-se pola
mesma escolher a cor que mais lhe convenha o uso.

AGNEIL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FABRICA E EXPROSSES: 16, AVENUE DE L'OPERA

E nas mais Fáceis Ocasões de uso, por intermédio dos Drs. de Paris.

THEATROS

GRANDE OPERA

Os espectáculos, espetaculos de verão, tendo sido preparados com a Nigella, em que se representou o drama de Mme. Gauthier, que é o drama da morte da Rainha de Bouvines, no teatro da Academia, e o de Gauthier, de Toff Leao por M. Massane, — que o Teatro de Paris, no N.º 26, neste dia, encerrou com grande agradecimento, quando o *Id. de Messalina*, a tragédia de Verdi, em verão, em que entrou, foi o 1^o dia — de P. Verdi e Mme. Desnos, a maior que desempenhou esta opereta no S. Carlos de Madrid, quando o drama das duas cidades, a partir de Paris, teve o seu P. Verdi, Mme. Massine, P. Verdi, e outros, ainda cantando e tocando o *Ospizio Messalina*, houve um grande tumulto, e quando terminou a obra, cantou a *Parade*, e o *Requiem* de Verdi, no dia de All Saints.

COMÉDIA FRANCESA

Tem preenchido os seus espetáculos os preços das representações clássicas, já faz muito tempo, a *Divina* de Dumas filho, com os inestimáveis teles do amado passado, e por um acto a celebre comédia de *La Dame de Bouvines*, D. Juan d'Autriche, onde Delavray desempenha o seu último papel, pois que Delavray em 85, faleceu. Recentemente o teatro de *l'Opéra*, dedicou-se a apreciar o seu Conservatório de Paris. E assim, tutti despareceram o ultimo dos famosos actos que salvaram, aliás, da saudade de tanto vermelho.

OPERA-COMICA

Reabriu com o *Roi Fa d'Auvernia*, com a *Lafont*, do mesmo autor, e com o *Carrousel de Bizet*, cantada por Mme. Galli-Marié. O seu grande sucesso da época de 85-86, deve ser o *L'Amélie* de Wagner.

ULTIMA PRODUÇÃO
Perfumaria

IXORA

ED. PINAUD

PERFUMISTA

SABONETE de IXORA

ESSENCE de IXORA

AQUA de Toncadour de IXORA

OLEO para Cabellos de IXORA

PÓS de ARROZ de IXORA

COSMÉTICO de IXORA

37, Boulevard de Strasbourg, 37

PARIS

DIGESTORES ARTIFICIAIS

VINHO

DISSOLVITOS DE

CHASSAING

com

PEPINA e com DIASTASE

Agente natural e indispensável

DIGESTÃO

20 GRAMAS DE SUCCESSION

CONT. 40

DIGESTORES DIFERENTES

OU INCOMPLETOS

MALES DO ESTOMAGO

DISPEPSIAS GASTROSES

PERDA DE APPETITE, das FORÇAS,

RAZORAS, CONSUMO

CONVULSÕES, LENTAS

VOMITOS, ETC.

Paris, 6, Avenue Victoria, 1^o Parte

Endereço dos fabricantes principais: Paris, 6, Avenue Victoria, 1^o Parte

ODÉON

Tem dado uma série de representações de *Macbeth*, tradução de Jules Lacroix, sendo o papel de Lady Macbeth desempenhado por actriz Roussel. Fará ainda uma reprise da *Arlesienne*, de Daudet, sendo a orquestra dirigida por Colonne, e depois ocupar-se-ha das peças novas.

GYMNAS

Continua em ação com o *Maitre de Forges*, de Georges Ohnet, que a burguesia de Paris continua a aplaudir com entusiasmo. Depois fará em cena um drama *Les Mères repenties*, e um drama original de Octave Feuillet. No *Maitre de Forges* os dois principais papéis são, como na época passada, desempenhados por Mme Jeanne Hading e por Damia.

GAITÉ

Em quanto não termina os ensaios da nova opereta-mágica para que foi expressamente descripta o famoso Baron, das *Variedades*, — vai explorando a última voga do *Grand Magal*, de Audran, o nutor da *Mascotte*.

VARIÉDADES

Abrir com um vaudeville-pantomima em que entra o celebre grupo dos excentricos Hannon-Lecq. O *vaudeville* é muito fraco, mas a pantomima dos *clowns* ingleses agrada bastante, o que faz com que o teatro se encha todas as noites. A peça intitula-se: *O Naufrágio de M. Godet*.

VAUDEVILLE

Em quanto não recebe das mãos de Sardou o seu novo

drama em três actos, cujo título e cujo assunto ainda se ignora, porque Sardou detesta as revelações e as indiscrições dos bastidores — vao-nos oferecendo todas as noites esse famoso *Bébê*, que há anos no *Gran Teatro* de Lisboa, valou um ruidoso sucesso a Antonio Pedro. Tanto Antonio Pedro em Lisboa, como Joly em Paris, no extraordinário papel de *Pétilum*, vão admiravelmente; Polla foi muito superior a Michel no papel da *Kernanigous*; e o papel de *Bébê*, desempenhado por Mello, foi tão bem interpretado como o é em Paris. Palavra que tive um grande prazer em assisti-lhe a esta reprise, por ver que em Lisboa se seja representada esplendidamente. O *Bébê* fraco da representação lisboeta foi a *misé en scène*, sobre tudo aquelle 2.º acto a que faltou todo o brilho, todo o movimento, toda a febre, toda a *camarillerie* da vida parisiense.

PALAIS-ROYAL

Não anda em maré de fozicidade. Já o anno passado a época lhe correu mal por falta de peças boas. E este anno poucas esperanças ha de ver em vista de sucesso este belo teatro onde tanto se tem rido. Passa as noites a oferecer ao público uma comédia da outra época, *Les petites voisines*, que cheira ao teatro pouca concorrência.

NOVIDADES

Faz em ação um *vaudeville* em 3 actos: *La Cantinière*. É uma peça feita e refeta sobre todos os moidos conhecidos e gastos. Mas ha de dar pelo menos unsas com representações, porque o teatro é muito frequentado pelo *demi-monde* de Paris.

FOLIES-DRAMATIQUES

Abrir com uma reprise do seu grande sucesso da época passada — *Les petits Monquetaires*, opereta ex-

trada dos *Treit Monquetaires* de Alexandre Dumas. Encantos todos as noites.

MENUS-PLAISIRS

Ainda, a sempre, e sempre *Mascotte*!... Tem corrido todos os teatros ligeiros de Paris, tom sido cantada por todos os cantores de ópera, e a nova reprise ainda encontra público em Paris, e ainda é aplaudida e ovada com o mesmo prazer com que foi ouvida e aplaudida há seis annos.

THEATRE DES NATIONS

Continua a cultivar o drama e o dramedão. O que tem actualmente em cena chama-se *Pièvre*, e encusado será dizer-lhe que ha a respeito seduzida, o homem garrido que lhe dá a infi e casa com ella, o traidor que assassinou, o inocente que tenta suicídio, e o avarento que morre assassinado. Todas as comédias valentes em 5 actos e um prologo... e um prologo.

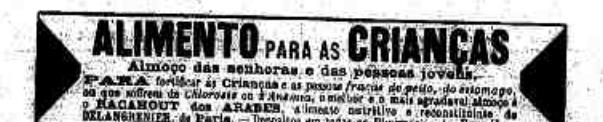
AMBIGU

Um drama histórico intitulado: *Luis XVI e Maria Antonieta*. — a Sua, sr. conde, saia!... A aristocracia já morreu... O povo é que é soberano! Encusado será acrescentar que se conta a partir do 2.º acto.

HIPPODROME

Continua explorando o seu grande sucesso d'este anno — a famosa pantomima intitulada — *Cougo*. E nada mais por hoje...

BASILIO.



L'imprimeur-Géant: P. MOUILLOT.

PARIS, IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.